

# Os movimentos argumentativos das emoções em discursos políticos

Argumentative movements of emotions in political speeches

**Sara Topete de Oliveira Pita**

Universidade de Aveiro, CLLC, Departamento de Línguas e Culturas

Universidade de Coimbra, CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras

saratopete@ua.pt

ORCID: 0000-0001-8429-4189

**Palavras-chave:** emoção; argumentação; termos de emoção; figuras de retórica; discursos políticos.  
**Keywords:** emotion; argumentation; emotional words; rhetorical figures; political speeches.

## Introdução

Desde a Antiguidade Clássica, a relação entre a persuasão e o sentimento é apresentada como sendo estreita. Aristóteles (*Retórica*), por exemplo, falava da interseção entre três elementos que compunham a tríade retórica – o *ethos* (caráter), o *pathos* (emoção) e o *logos* (argumentação), defendendo que um orador devia mobilizar os três durante os seus discursos para ser persuasivo. Já Cícero, no *De oratore*, defendia que a persuasão se atingia quando se conseguia “provar ser verdadeiro o que defendemos, cativar os ouvintes, provocar em seus ânimos qualquer emoção que a causa exigir” (de Orat. II, 115). Em ambos se revela que a carga emotiva de um discurso é tão importante quanto o seu conteúdo pois age em dois planos: no emocional e no actancial.

Esta posição mantém-se nos dias de hoje. A emoção é considerada como um constituinte do processo discursivo, já que é uma resposta a um estímulo, a uma situação encarada de uma certa perspetiva, e, também, uma forma de influenciar o ouvinte/leitor, de condicionar a sua ação. Mas para que a emoção surta os resultados esperados, é fundamental que esteja ancorada pragmaticamente (Charteris-Black, 2004), isto é, que exista um contexto social, histórico e textual indutor da mesma, porque em função deste a emoção poderá ser sentida/percebida de forma distinta por cada indivíduo. Cigada corrobora este posicionamento, ao afirmar que...

L'émotion ne surgit pas de manière accidentelle, comme un moment de folie qui s'insère dans la linéarité d'une conduite exclusivement rationnelle: un mouvement de joie ou de colère, de peur ou de peine, a toujours une raison, une cause, qu'il est possible de comprendre. (2008, p. 27)

A questão cultural é também algo a considerar porque os termos não possuem apenas um significado literal.

Les termes [...] n'ont jamais de signification intrinsèque; leur signification est "de position", fonction de l'histoire et du contexte culturel d'une part, et d'autre part de la structure du système où ils sont appelés à figurer. (D'Iribarne, 2008, p. 148)

Assim, o Locutor deve reconhecer a cultura em que está inserido, o sistema linguístico e o gênero em que o texto está ancorado, pois as palavras e os lugares são indissociáveis (Maingueneau, 2005, p. 85).

Todos estes pressupostos são centrais para a investigação que aqui se apresenta, cujos objetivos são: (1) reconhecer as emoções presentes nos textos em análise, a partir da identificação de palavras de emoção diretas e indiretas, bem como de figuras de retórica; (2) reconstruir o processo argumentativo de alguns excertos; (3) discutir os objetivos argumentativos das emoções.

Para a constituição do *corpus* selecionaram-se textos de duas grandes figuras políticas do Estado Português num período socio-histórico e num tempo específicos (respetivamente Pandemia/Guerra na Ucrânia e Natal). Estes textos, produzidos entre 2020 e 2023, têm como finalidade apresentar uma súmula da atuação política e um plano futuro. A análise fundamenta-se na posição de Micheli, Hekmat e Rabatel (2013) sobre a semiotização das emoções ditas, o que implica um olhar sobre a materialidade linguística, particularmente sobre palavras de emoção diretas (Galati e Sini, 2000; Mathieu, 2006), palavras de emoção indiretas (Plantin, 2004) e, ainda, figuras de retórica (Reboul, 2004; Meyer, 2007). Tomando como referência Micheli (2010) e Plantin (2011), considera-se que num enunciado emotivo é possível identificar, com naturais exceções, um termo de emoção, uma entidade humana e uma causa ou um objeto da emoção. A reconstrução da emoção permite analisar o propósito argumentativo das emoções, nomeadamente a justificação de uma ação, a legitimidade de um pedido, a autoridade do Locutor, entre outros.

## 1. Emoções em linguística

Como referiam os latinos "ex nihilo nihil fit", e as emoções não fogem a esta regra; de facto, surgem como resposta a um estímulo e estão ancoradas num contexto. Nos textos políticos, o contexto pode ser usado para visitar uma emoção vivida ou para potenciar o surgimento de uma dada emoção (ou de um leque de emoções), a partir de uma cena indutora, com vista à consecução de determinados objetivos persuasivos.

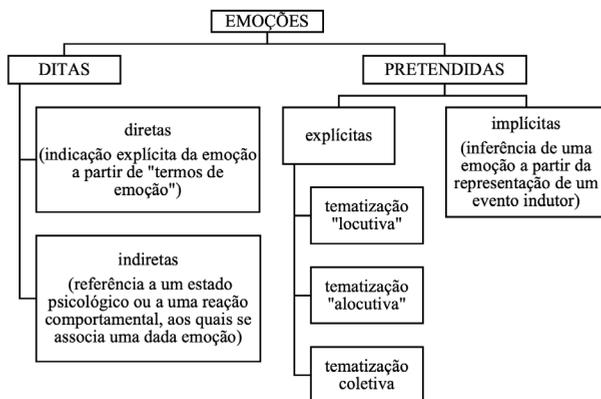
Amossy afirma que as "emoções são o efeito emocional produzido sobre o alocutário [...] a disposição em que ele coloca a auditório para realizar os seus

objetivos de persuasão”<sup>1</sup> (2021, p. 170). Neste sentido, as emoções não se limitam ao Locutor, a uma expressão de sentimentos pessoais, mas são uma forma de argumentação (Plantin, 2004; Micheli, 2010), sob a qual assenta um raciocínio que tem, naturalmente, objetivos comunicativos e persuasivos.

it is analytically fruitful to treat **emotional appeals as forms of argumentation** and not merely as **adjuncts to argumentation**. [...] Speakers appeal to emotions in order to enhance cogency of an argumentation which seeks to establish the validity of an opinion or the opportunity of an action. [...] Speakers argue in favor of or against an emotion: they give reasons supporting why they feel (or do not feel) this emotion and why it should (ou should not) be legitimately felt. (Micheli, 2010, pp. 12, destaque da autora)

À semelhança de Micheli, considera-se que as emoções devem ser vistas como uma forma plena de argumentação, na qual se debate a favor ou contra uma emoção, por oposição à visão mais tradicionalista das emoções que as trata como adjuvantes da argumentação; neste contexto, as emoções são uma forma de aumentar a irrefutabilidade de um argumento que procura estabelecer a validade de uma opinião ou a oportunidade de uma ação.

Kerbrat-Orecchioni (2000), ao analisar as emoções, estabelece diversas categorias, nomeadamente comprovadas (“eprouvée”), suscitadas (“suscité”) e exprimidas (“exprimée”). Para este trabalho, apenas se analisa a última categoria, ou seja, as emoções manifestadas pelo discurso, quer sejam expressamente verbalizadas (“ditas”), quer se pretendam estimular no outro (“pretendidas”). No próximo esquema detalha-se a categoria de análise seguida neste trabalho:



Esquema 1 – Organização das emoções (a partir de Kerbrat-Orecchioni, 2000; Micheli, 2010; Plantin, 2011)

<sup>1</sup> “l’effet émotionnel produit sur l’allocataire [...] la disposition dans laquelle il faut mettre l’auditoire pour réaliser un objectif de persuasion (p. 170)” (destaque da investigadora).

As emoções ditas são, como denuncia a sua denominação, verbalizadas pelo Locutor, podendo ser autoatribuídas ou hétero-atribuídas. Em textos políticos, pautados muitas vezes por um maior formalismo e por um maior distanciamento entre entidades, a vulnerabilidade manifestada pela assunção de certos sentimentos parece ser evitada, porque pode comprometer a imagem do político. Pelo contrário, as emoções pretendidas (“visée”) estão naturalmente presentes, já que existe uma tentativa de agir sobre o alocutário e de usar a patemização a favor da argumentação. Relativamente a estas emoções, o Locutor pode optar por explicitamente referenciá-las, procedendo a uma tematização realizada em função da entidade que experiencia a emoção – o Locutor, o alocutário ou a comunidade. Neste ponto, pode-se estabelecer um paralelismo com as noções de “emoção vivida” e “emoção provocada”, de que fala Amossy (2021), sendo a primeira referente ao Locutor e a segunda, ao alocutário.

No entanto, o Locutor pode também optar pela denotação indireta das emoções, na qual se incluem, de acordo com Plantin (2004) e Micheli (2007), todos os termos fisiológicos ou comportamentais associados a uma determinada emoção.

...um énoncé peut, d’une part, faire explicitement référence à l’état émotionnel du locuteur et, d’autre part, faire usage de supports signifiants qui manifestent la présence d’un tel état sans que celui-ci en vienne, pour autant, à constituer le référent de l’énoncé (Micheli, 2007, p. 125)

O recurso a “palavras de emoção indiretas” exige um processo de interpretação por parte do alocutário, o qual tem de recuperar o seu conhecimento do mundo e dos estereótipos da sua cultura e da época em que vive (Micheli, 2007). Esta questão é sobremaneira importante, pois a argumentabilidade das emoções é viabilizada pela partilha de um sistema de valores entre Locutor e alocutário. Sobre isto, Charaudeau diz:

Les émotions seraient à traiter au regard de jugements qui s’appuieraient sur les croyances que partagent un groupe social, et dont le respect ou non entraîne une sanction morale (louange ou blâme). À ce titre, les émotions sont bien un type d’état mental rationnel. [...] émotions et croyances sont bien indissolublement liées. (2000, p. 131)

Além dos termos referentes a estados físicos ou a comportamentos, as figuras de retórica que potenciam a ocorrência de um sentimento, como, por exemplo, a metáfora ou a metonímia, podem ser integradas nesta última categoria. Não obstante serem muitas vezes olhadas como uma mera estratégia de ornamentação que visa estimular o sentimento do leitor/ouvinte (Perelman & Olbretchts-Tyteca, 2005), as figuras de retórica têm a potencialidade de reconfigurar o real, evocando uma outra realidade sem, contudo, a renegar ou a diminuir. Neste processo de reconstrução, o Locutor cria movimentos em defesa ou em ataque de um argumento e revela, através desse processo, a sua visão, os seus pensamentos, as suas emoções. Em paralelo, cria um questionamento a realizar pelo leitor/ouvinte, decorrente da reconfiguração que é feita. Quando o Locutor diz que “a vacina é a melhor arma contra a COVID”, pela mente do alocutário per-

passam, ainda que inconscientemente, diversas perguntas: “qual a relação entre vacina e arma?”, “a COVID é uma guerra?”, “a COVID é um agressor?”, “é com armas que se luta contra a agressão?”. Este processo tem poder argumentativo, porque convoca o locutário, fá-lo sentir, responsabiliza-o, neutralizando, em certa medida, o papel do Locutor.

De entre as figuras retóricas, a metáfora é uma das que maior presença tem no quotidiano. Esta consiste na substituição de um termo por outro, que pertence a um domínio disjunto, mas com o qual se aproxima (Meyer, 2007). Muito comumente usada com a metáfora, a metonímia refere-se à substituição de um nome por outro, resultando na produção de símbolos (por exemplo, a “balança” como representação da justiça). Através da metonímia, o Locutor argumenta que aquilo que serve para um caso se estende a outro.

Nas interações quotidianas e em textos políticos é igualmente frequente a ocorrência de hipérbolos, que consistem no exagero de uma realidade, tendo por base uma metáfora ou uma sinédoque (Reboul, 2004), e de gradações, ou seja, de estruturas sequenciais de palavras ou grupos de palavras organizadas com o intuito de produzir um efeito expresso. Em termos argumentativos, são usadas, respetivamente, para manifestar a grandiosidade de algo que não pode ser apresentado de uma forma comum e para ampliar/diminuir a intensidade de algo. A estas figuras soma-se ainda a personificação (atribuição de propriedades humanas a uma coisa ou a um ser inanimado) e o eufemismo (suavização de uma ideia desagradável ou grosseira).

## 2. Metodologia

O *corpus* deste trabalho é composto por sete textos produzidos pelo Presidente da República (PR) e pelo Primeiro-Ministro (PM) de Portugal, por altura do Natal e do Ano Novo, proferidos entre 2020 e 2023. Faz-se saber que, em 2021, o PR não realizou o habitual discurso de Ano Novo, em virtude de, à data, estar em pleno processo eleitoral.

Estas intervenções dos altos representantes do Estado Português possuem um estatuto de tradição, já que vêm sendo realizadas desde 1975, ainda que de forma intermitente nos primeiros anos. Atualmente, é comum os estadistas portugueses cumprirem este ritual, difundido pela imprensa escrita e pela televisão e, posteriormente, partilhado nos sítios oficiais do Governo e da Presidência da República. Estes discursos apresentam, tendencialmente, um plano textual flexível, sobretudo no que concerne à temática, não obstante terem alguns elementos fixos, como a fórmula inicial ou a final (Pita, 2023).

Relativamente às categorias e aos elementos de análise, parte-se da lista de termos associados a emoções, proposta por Galati e Sini (2000) e por Mathieu (2006), para a definição de 106 termos em português, apresentados no próximo Quadro:

---

aborrecimento	crença	êxtase	pânico
admiração	deceção	estupefação	pavor
aflição	deleite	euforia	paz
agitação	delírio	exaltação	perplexidade
agressividade	depressão	exasperação	prazer
alarme	desânimo	exultação	preocupação
alegria	desapontamento	frustração	prostração
alívio	descontentamento	fúria	quietude
angústia	desdém	hilaridade	raiva
ansiedade	desencantamento	horror	relaxamento
apreensão	desencanto	humilhação	repulsa
autossatisfação	desespero	indignação	satisfação
aversão	desespero	insatisfação	serenidade
baço	desgosto	ira	sofrimento
beatitude	desmoralização	irritação	superexcitação
bem-estar	desolação	júbilo	surpresa
bondade	despeito	júbilo	susto
calma	desprezo	languidez	tédio
colapso	divertimento	lassidão	tensão
cólera	dor	mal-estar	ternura
confusão	embaraço	medo do palco	terror
consolação	embriaguez	medo	tormento
consolo	entusiasmo	melancolia	tranquilidade
consternação	espanto	nervosismo	transe
contentamento	esperança	opressão	tremor
contrariedade	excitação	paixão	tristeza
			trunfo

---

As palavras supramencionadas, nas suas diferentes formas (género, número, grau...), foram identificadas no *corpus*, com apoio do software MAXQDA. De seguida, verificou-se o segmento em que ocorria para análise do contexto e para discussão do seu papel na construção argumentativa. Para a identificação das palavras de emoção indiretas, foi realizada uma análise mais profunda que permitiu identificar termos associados a emoções e figuras de estilo. Por exemplo, no trecho “perante a perspectiva de uma crise política, os cidadãos tremem”, o verbo “tremem”, usado metaforicamente, expressa o comportamento físico perante o /medo/; já em “a temperatura estava tão baixa que ele não conseguia parar de tremer”, o verbo reproduz uma reação ao frio.

A catalogação das intervenções assume a seguinte forma: cargo político (PM ou PR), apelido, momento da intervenção e ano, resultando numa etiqueta do género PM\_Costa\_Natal2020.

Ao longo da secção destinada à discussão, usam-se barras oblíquas para indicar uma emoção construída (ex.: /medo/) e itálico para uma emoção dita (*entusiasmo*).

### 3. Movimentos argumentativos das emoções

O estudo inicial dos documentos revela que a sua dimensão é variável, ajustando-se aos acontecimentos de maior relevo.

LOCUTOR	ANO	N.º TOTAL DE PALAVRAS
Presidente da República	2020	858
	2022	730
	2023	1105
Primeiro-Ministro	2020	1045
	2021	725
	2022	525

Quadro 1 – Dimensão dos textos do corpus

Curiosamente, observa-se um aumento da extensão das mensagens do PR ao longo do tempo, e, em sentido oposto, uma diminuição das do PM. Tal pode dever-se a diferentes fatores, nomeadamente a situação socioeconómica, o grau de intervenção nos assuntos do país, a necessidade de comunicar com os cidadãos, mas são apenas conjecturas.

Todos os textos apresentam fórmulas de abertura e de encerramento formais, nas quais se incluem os votos de Boas Festas. A distribuição temática é diversa, estando totalmente ligada ao tempo cronológico em que o texto é produzido. Esta condicionante não pode ser descurada, uma vez que determina a interpretação do alocutário e influencia o potencial argumentativo do texto.

Sobre a questão temática, importa referir que se identificou um tema comum a todos os textos: a pandemia; contudo, nota-se uma redução no decurso do tempo, conforme ilustrado no Gráfico 1. De destacar a disparidade evidenciada em 2022, com o PR a mencionar seis vezes o termo, por contraponto ao que se observa no texto do PM.

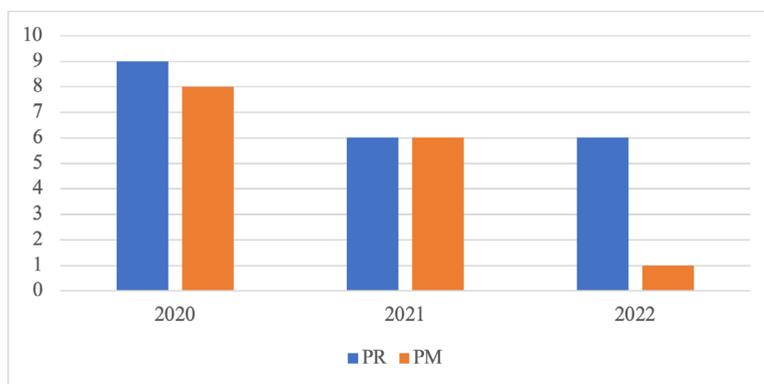


Gráfico 1 – Frequência da palavra "Pandemia" no corpus

Relativamente aos termos de emoção diretos, foi possível constatar que todos os textos fazem referência à *esperança*, o que pode denunciar a sua importância para a adesão do alocutário. Ademais, três mencionam a *confiança*, o *sofrimento* e a *solidariedade*; no que concerne a este último termo, importa referir que ape-

nas foi encontrado nos textos do PM. Outro dado verificado diz respeito à carga positiva da maioria das emoções elencadas.

EMOÇÕES	N.º DE TEXTOS EM QUE OCORRE	N.º TOTAL DE OCORRÊNCIAS
esperança	4	12
confiança	3	6
solidariedade	3	14
sofrimento / dor	3	8
gratidão	1	9
paz	2	6
sinceridade	1	1
angústia	1	1
carinho	1	1
serenidade	1	1

Quadro 2 – Distribuição das emoções no corpus

Os próximos dados encontram-se organizados cronologicamente e por Locutor (PR e PM). Dadas as limitações inerentes a um artigo desta natureza, apenas se apresentam alguns excertos do *corpus*.

### 3.1. Intervenções do Presidente da República

A mensagem do PR em 2020 é marcada pelas referências à pandemia, com um total de 12 ocorrências do termo, revelando o seu impacto no momento da intervenção. No que concerne a “palavras de emoção diretas”, o destaque vai para *esperança* que, embora tenha sido apenas registada duas vezes, é a única mencionada.

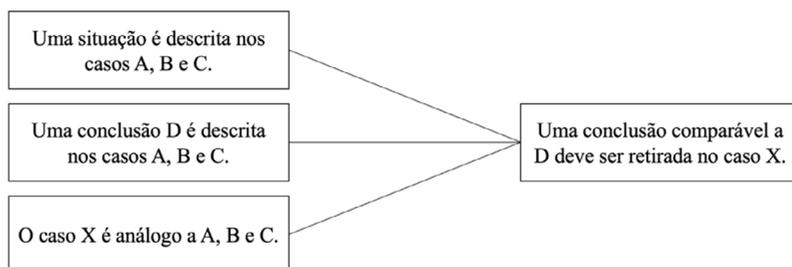
#### Excerto 1

Portugal conheceu, na vida dos menos jovens, Natais em Guerra. Recordam-no os de mais de 90 anos, do fim da sua infância ou começo da adolescência. Uma guerra lá fora, mas com constrangimentos cá dentro, por exemplo em matéria de abastecimento de certos bens ou ainda de algum sobressalto no início da década de quarenta. Recordam-no, sobretudo, os que têm hoje acima dos 60 anos, em particular os que vieram de África depois de 1974 e os que combateram em Angola, Guiné e Moçambique. Essas memórias continuam impressionantes, mesmo para os que apenas acompanharam esses tempos através da televisão censurada e das mensagens dos nossos militares pelo Natal. (PR\_Rebelo de Sousa\_Natal2020)

Marcelo Rebelo de Sousa inicia a sua intervenção recuperando alguns momentos da vida dos portugueses, representados metonimicamente pelo topó-

nimo. Percebemo-lo pelo facto de atribuir a esta entidade a capacidade de experimentar/vivenciar diferentes momentos, em particular: “Natais em Guerra” (2.<sup>a</sup> Guerra Mundial e Guerra Colonial Portuguesa), “Natais em crise financeira e económica” (certos períodos entre 1960 e 1980) e “Natais com surtos epidémicos antes da Democracia e já em Democracia” (gripe espanhola – 1989; epidemia de SARS – 2003; epidemia da gripe A – 2009). O Presidente dedica um parágrafo aos seniores, outro aos “menos jovens e mais jovens de outras gerações”, outro ao “milhão de portugueses” emigrado, e ainda outro aos que viveram “Natais com pobreza muito vasta”. Portanto, vai convocando diferentes realidades e gerações, para que, com a recuperação dessas situações, se recuperem também as emoções sentidas (potencialmente, tristeza, medo, angústia...).

Em termos argumentativos, o trecho pretende evidenciar a semelhança entre o momento atual e o passado, quer em termos emocionais, quer em termos actanciais (a atuação dos portugueses e a sua capacidade de superação). Começa-se, assim, a delinear um argumento por analogia, que pode ser esquematizado da seguinte forma:



Esquema 2 – Estrutura do argumento por analogia (autoria própria)

## Excerto 2

O Natal de 2020 é uma realidade substancialmente nova. É passado em pandemia. A pandemia atingiu-nos há dez meses. Apesar da esperança nas vacinas, ela está para ficar semanas e meses, ninguém sabendo ou podendo prever quantos. Com a pandemia sanitária afirmou-se uma pandemia económica e social – a acrescer aos problemas de fundo da nossa economia e da nossa sociedade. O aumento da pobreza e das desigualdades foi um efeito imediato das duas pandemias. Numa palavra, o Natal de 2020 é vivido com duas pandemias simultâneas e com dramática vivência de agravados fossos sociais. E esta junção de crises converte este Natal num terreno nunca experimentado. (PR\_Rebello de Sousa\_Natal2020)

No Excerto 2, o Locutor apresenta o caso X (“O Natal de 2020”), “uma realidade nova” em virtude da pandemia. Repare-se que o termo não só se refere à doença infecciosa da COVID-19, mas também é usado, metaforicamente, para caracterizar a situação económica e social. E embora neste trecho se identifique um termo explícito de emoção (*esperança*), o que parece ser mais relevante é o /medo/, pois existe uma associação entre pandemia e doença. A juntar a estas emoções, soma-se o /medo do desconhecido/, que é espoletado a partir da metá-

fora do terreno na frase final. Todos estes elementos linguísticos contribuem para a recriação de uma cena indutora de emoções, estimulando o /medo/ e a /angústia/ no plano do “eu”.

Os dois grandes blocos anteriores, que podem ser encarados como um enquadramento histórico, têm como objetivo argumentativo colocar o alocutário num estado de espírito que serve de preparação para o comando que o Locutor faz em seguida.

### Excerto 3

Claro que o mais urgente é olhar para o Natal de 2020 com uma visão de prazo mais curto – evitar que ele crie condições objetivas para um arranque negativo ou muito negativo de 2021. E tudo o que pudermos fazer para acautelar as semanas e os meses mais próximos, deve ser feito. [...]

Desde março, temos demonstrado estar à altura de tal exigência. Não iremos esmorecer, nestes dias, por entre a alegria responsável do reencontro e a redescoberta do valor da esperança na resistência às dificuldades. Já percorremos tanto caminho juntos e com inabalável determinação, que nada poderá levar-nos a deitar a perder o realizado. (PR\_Rebello de Sousa\_Natal2020)

No Excerto 3, é possível identificar o pedido/comando de Marcelo Rebello de Sousa: “acautelar as semanas e os meses mais próximos”, “consenso alargado, estabilidade, reforço da coesão social, existência de referenciais de confiança”. Portanto, todas as emoções que antes foram suscitadas no alocutário visam garantir maior influência sobre o alocutário. Repare-se que, no último parágrafo deste excerto, se diz “não iremos esmorecer”, ou seja, o Locutor assume um compromisso, em seu nome e dos portugueses, de não ceder ao desânimo, à pressão, de não “deitar a perder o realizado”. Esta expressão, pertencente ao domínio conceptual da má aplicação, bem como os demais elementos linguísticos, procuram responsabilizar o alocutário pela sua atuação.

Este excerto é o culminar do argumento por analogia iniciado anteriormente. Considerando que A, B e C correspondem e, respetivamente, a “Natal em Guerra”, “Natal em crise financeira e económica” e “Natal com surtos epidémicos”, que as emoções vividas foram semelhantes às atuais, e que os portugueses superaram todos (conclusão D), então infere-se que os portugueses também vão conseguir ultrapassar este evento. Em suma, o uso do argumento por analogia, combinado com as emoções ditas e suscitadas, legitimam o comando do PR e condicionam a ação do alocutário. Em 2022, a pandemia continuava a ser uma realidade e a sua menção era expectável. Não obstante se atribua à situação pandémica uma conotação negativa, as palavras de emoção diretas identificadas no texto, tais como *esperança*, *confiança*, *sincero*, *honra*, *serena* ou *paciência* pertencem a um polo positivo.

No próximo excerto, apresenta-se a parte inicial da intervenção do PR, na qual recupera a /dor/ dos cidadãos experienciada ao longo desse período e, inclusivamente, a *descompensação* sentida por alguns. Este termo, representativo de um comportamento emocional e físico, mostra, por um lado, que o Locutor reconhece o sofrimento do alocutário, e, por outro lado, que procura que este se

sinta compreendido. Pode tratar-se de uma estratégia persuasiva que visa obter a adesão do alocutário ao Locutor, personificado como um ser compreensivo.

#### Excerto 4

Quase seis meses foram, aqui e lá fora, ainda mais duros do que 2020, em pandemia, paragem económica, crise social, descompensação nas pessoas e desgaste nas instituições.

[...] Tudo no meio da pandemia. Que teimou em persistir no final do ano. E que nos obriga, serena mas teimosamente, a testar, vacinar, resistir, e com ela aprender a conviver.

Com a paciência de quem já viveu quase novecentos anos, já ganhou, já perdeu e já recuperou a independência, já teve milhentas crises, ultrapassou-as o melhor que pôde e que soube. Mas, desta vez, tem muito mais a fazer para recuperar o tempo perdido. (PR\_Rebello de Sousa\_AnoNovo2022)

Para concluir o excerto, evocam-se mais duas emoções, a saber /serenidade/ e /paciência/, atribuídas a toda a população portuguesa e que são, aparentemente, inerentes à sua condição e à sua vivência. Estas emoções, apresentadas aqui como características descritivas de um povo, promovem um sentimento de identidade nacional.

Aliás, todo o excerto tem um tom panegírico, induzindo à satisfação, ao contentamento, com o intuito de garantir que o pedido formulado em seguida será satisfeito; é uma espécie de troca entre partes, em que um valoriza o outro e o compromete com o desempenho de uma dada ação.

#### Excerto 5

O que podemos e devemos querer para ele e fazer por ele, em 2022? [...]

Nós podemos fazer muito e muito mais.

Consolidar, Decidir, Reinventar, Reaproximar, Virar a página. [...]

Reaproximar, que é uma forma de dizer redescobrir a solidariedade. Cuidar dos mais sacrificados pela pandemia, pelo desemprego, pela insolvência, pela paragem da vida. Os mais pobres, os mais idosos, os mais doentes, os portadores de deficiência, os desamparados na escola, na busca de profissão ou de casa, na integração numa sociedade diversa, feita de emigrantes que partem e regressam, e de imigrantes que chegam e partem. E, em particular, olhando para as crianças, cujo futuro tem esquecido pela propriedade dada aos chamados grupos de risco. Elas e eles – todos aqueles que vivem no passeio, sem sol da rua da nossa vida comum – vão demorar muito mais tempo a aprender a reviver após o que sofreram. (PR\_Rebello de Sousa\_AnoNovo2022)

No segmento acima partilhado, o PR finalmente formula o seu pedido: “Consolidar, Decidir, Reinventar, Reaproximar, Virar a página”. E nesta exposição, convoca várias outras emoções que o procuram legitimar, nomeadamente a *solidariedade* com os “sacrificados”, “os mais pobres, os mais idosos, os mais doentes, os portadores de deficiência”. A enumeração e a gradação não são desprovidas de intencionalidade; na verdade, intensificam sentimentos empáticos, como a /

pena/ e a /compaixão/. Repare-se em especial nas últimas linhas do Excerto 5, que metaforicamente fazem referência à /solidão/ experienciada por tantos; decerto, este trecho pretende induzir à /piedade/ e ao /amor/ pelo outro.

Comparando com outras intervenções, esta tem um tom mais emotivo do que as demais.

A mensagem de 2023 do PR ficou marcada pela referência à Guerra na Ucrânia e à prevalência de crises sociais e económicas. Atendendo à extensão da mensagem e à temática, esperar-se-ia um maior volume de palavras de emoção diretas (apenas se faz referência à *esperança* e ao /sofrimento/), mas o que se observa é um reconstruir de cenas que potenciam sentimentos no alocutário, daí a prevalência dos nomes “guerra” e “pandemia”.

### Excerto 6

2023 pode vir a ser, no Mundo, na Europa e em Portugal, o ano mais importante até 2026, senão mesmo até 2030.

Há um ano, a pandemia parecia estar a converter-se em endemia.

Há um ano, a diplomacia parecia estar a vencer a guerra.

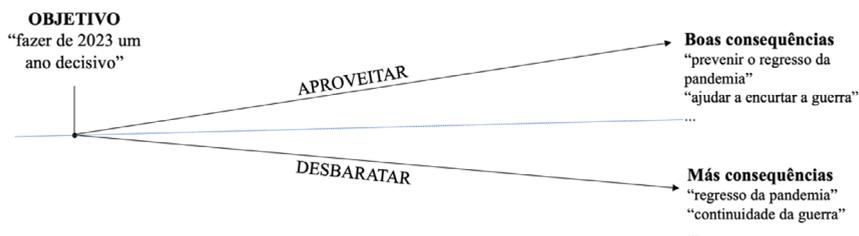
Há um ano, apesar dessas incertezas, acreditava-se que o Mundo e a Europa iam recuperar economicamente, normalizar o comércio internacional, controlar a subida dos preços, atenuar as desigualdades, retomar aquilo que parara em 2020 e 2021. [...]

Um ano depois, sabemos mais. Sabemos que a pandemia não desapareceu nalgumas áreas do globo.

Um ano depois, sabemos que a guerra ultrapassou a diplomacia, sem a certeza quanto ao tempo e aos efeitos. (PR\_Rebello de Sousa\_AnoNovo2023)

Tal como visto anteriormente, os parágrafos iniciais apresentam uma breve contextualização da situação política, económica e social. A organização das ideias, através do paralelismo estrutural no início dos parágrafos, estimula no alocutário uma intensificação de sentimentos (aparentemente positivos) que é cessado com a mudança de expressão paralelística (“um ano depois, sabemos...”). A partir desse momento, são descritas situações negativas, que geram no alocutário emoções como /medo/ e /apreensão/.

Esta estruturação do discurso pretende ir gerando no alocutário um sentido de urgência, predispondo-o a corresponder aos pedidos e comandos do PR. Por isso, quando o Locutor elenca todas as ações que os portugueses podem realizar para fazer de 2023 um ano decisivo, novamente usando a estrutura paralelística, e remata com “seria imperdoável que o desbaratássemos”, está a usar emoções como a /ansiedade/, para garantir a adesão do outro. Trata-se de construir um apelo às consequências com recurso às emoções, fazendo emergir as possibilidades existentes. Veja-se o próximo esquema para uma maior clarificação deste ponto de vista:



Esquema 3 – Argumentum ad consequentiam

Perante a apresentação das consequências (sendo que as negativas são feitas por inferência), espera-se imprimir no alocutário um maior sentido de responsabilidade. Portanto, as emoções e os argumentos alinham-se para manipular e condicionar a ação futura.

### 3.2. Intervenções do Primeiro-Ministro

Na Mensagem de Natal de 2020 do PM registam-se diversas palavras de emoção diretas. A *gratidão* é a mais frequente, seguida por outros termos positivos, como *solidariedade*, *esperança*, *união* ou *confiança*.

Desta mensagem, destaca-se o próximo excerto, no qual se faz uso da narração para suscitar no alocutário a /empatia/, o /apreço/ ou a /admiração/.

#### Excerto 7

Recordo neste momento alguns dos profissionais dedicados com quem contactei logo no início desta pandemia. Por exemplo, a Dr.<sup>a</sup> Margarida Tavares, do Hospital de São João, que em março me explicava com brilho nos olhos e uma vontade inabalável os desafios imensos que eram colocados no tratamento de doentes infetados por um vírus ainda totalmente desconhecido. (PR\_Costa\_Natal2020)

Repare-se que a descrição apresentada (“brilho nos olhos”, “vontade inabalável”) faz despontar a imagem de um ser especial, que enfrenta um “vírus ainda totalmente desconhecido”. A existência deste herói está associada a sentimentos de segurança e de esperança, que justificam o facto de o Locutor sentir (e de o cidadão dever sentir) *gratidão*.

Em 2021, o segundo ano da pandemia COVID-19, António Costa faz um discurso mais curto do que o anterior (com apenas 526 palavras), que tem início com uma sequência narrativo-descritiva, na qual relata a situação vivida no ano anterior. Em decurso do tema, as emoções têm um pendor negativo (*sofrer*, *dor*, *solidário*). Considerando a extensão do texto, o impacto desses termos é maior e, talvez por isso, o Locutor tenha optado por reduzir a sua intervenção ao essencial.

No excerto escolhido para esta discussão (exc. 8), António Costa é, simultaneamente, o atribuidor da emoção e o seu experienciador, pois enfatiza as consequências do seu estado de saúde. Importa salientar dois aspetos: em primeiro lugar, o facto de atribuir mais importância aos efeitos do que ao estado de saúde,

numa altura em que se “normalizou” a positividade da COVID; em segundo lugar, a intenção de espoletar no alocutário uma emoção a partir da exposição das suas próprias emoções, o que demonstra que as emoções estão ao serviço da persuasão.

### Excerto 8

Mais um Natal que temos de viver com todas as cautelas, porque o melhor presente que podemos oferecer a qualquer um dos nossos familiares e aos nossos amigos é proteger a sua saúde. Há um ano, eu próprio passei a minha noite de Natal em solidão, em isolamento profilático, longe da minha mulher, dos meus filhos, da minha mãe, ... de toda a minha família. Mas sei, todos sabemos que, difícil, verdadeiramente difícil, é a dor de quem sofre a perda de um ente querido ou as provações de quem está doente, tantas vezes carecendo de internamento hospitalar. São estas dores e estas provações que nenhum de nós quer sofrer e que todos desejamos que os que nos são mais queridos nunca sofram. (PM\_Costa\_Natal2021)

Considera-se que a cena retratada inicialmente (“eu próprio passei a minha noite de Natal em solidão... longe... da minha família”), a partir da qual se infere a emoção /tristeza/ sentida pelo locutor pela ausência dos seus entes queridos, pretende induzir no alocutário uma outra emoção, especificamente a /piedade/. Esta contribui para o estabelecimento da /empatia/ entre os dois intervenientes, fundamental para a adesão dos cidadãos ao agente político e, conseqüentemente, à sua governação. Repare-se que a gradação, existente em “longe da minha mulher, dos meus filhos, da minha mãe... de toda a minha família”, contribui para o escalar do sentimento no alocutário, bem como o recurso a termos associados ao *sofrimento* (“dor(es)”, provação(ões), “sofrer”, “perda”, “carecendo”, “doentes”). Assim, pode-se afirmar, aplicando a reconstrução proposta por Plantin (2020), que as emoções são potenciadas a partir da situação exposta pelo locutor, bem como das figuras de estilo.

A partir da partilha de uma experiência pessoal, o Locutor faz um apelo às conseqüências, que pode ser descrito do seguinte modo:

- Se nós, portugueses, vivermos com todas as cautelas, protegemos a saúde dos nossos familiares e dos nossos amigos.
- Proteger a saúde dos nossos familiares e dos nossos amigos é recomendável.
- Então, temos de viver com todas as cautelas.

Portanto, é lícito afirmar que a emoção dita e suscitada é um constituinte essencial da argumentação, legitimando-a.

O último discurso do PM do *corpus* destaca-se dos demais por ser o que faz referência a mais emoções, como ficou provado pela análise dos termos e da sua frequência; /confiança/ e /solidariedade/ foram as palavras mais frequentes, seguindo-se /dor/, /ansiedade/, /sofrimento/, /carinho/, /angústia/ e /saúde/.

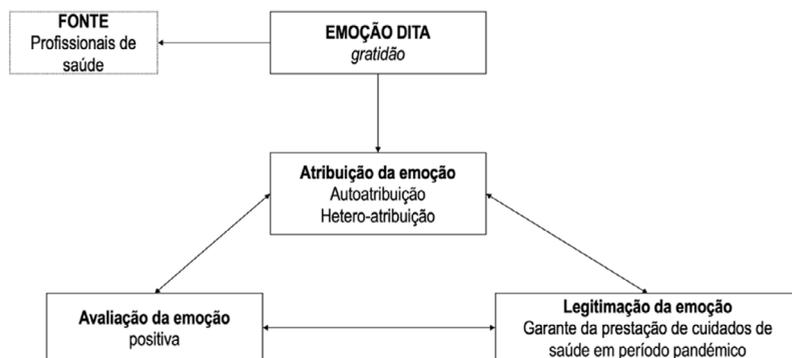
Em seguida, recupera-se uma parte em que o Locutor menciona o *orgulho* e a *gratidão* que sente pelos cidadãos. É uma emoção auto e hétero-atribuída, em certo ponto imposta (repare-se em “estou certo de que a gratidão de todos os portugueses”). São emoções que se situam no polo positivo e que estão ancoradas numa situação real (a atuação dos profissionais de saúde).

### Excerto 9

A vivência tão intensa destes dois anos neste posto de comando, só reforçou o meu orgulho nos portugueses e a minha confiança no nosso SNS.

Mas de modo muito, muito especial, quero expressar a minha gratidão – estou certo de que a gratidão de todos os portugueses – aos profissionais de saúde que dia e noite dão o seu melhor para tratar quem está doente, tantas vezes com sacrifício das folgas, de tempo de descanso e contacto com a sua própria família. (PM\_Costa\_Natal2022)

A gratidão que expressa pelos cidadãos e pelos profissionais de saúde tem dois objetivos persuasivos; em primeiro lugar, pretende garantir a continuidade da adesão dos cidadãos à sua governação, em segundo lugar, procura mostrar reconhecimento pelos profissionais de saúde que, por via deste facto, se podem sentir mais propensos a continuar o seu empenho e o seu esforço. Há aqui, portanto, um jogo psicológico com as emoções.



Esquema 4 – Argumentabilidade da emoção

Esta estratégia argumentativa, já havia sido utilizada em 2020, pelo mesmo Locutor, como se pode observar pela leitura do próximo excerto.

### Excerto 10

Gratidão a todos os que, ininterruptamente, desde março, mantiveram o País a funcionar, na agricultura, na indústria e no comércio têm garantido que nada de essencial nos tenha faltado.

Mas de modo muito, muito especial, quero expressar a minha gratidão – estou certo de que a gratidão de todos os portugueses – aos profissionais de saúde que dia e noite dão o seu melhor para tratar quem está doente, tantas vezes com sacrifício das folgas, de tempo de descanso e contacto com a sua própria família. (PM\_Costa\_Natal2020)

Este facto apenas comprova que as emoções são argumentadas e que se pode discutir, inclusivamente, a existência de alguns mecanismos ou de estruturas para a sua integração nos textos.

## Conclusão

No presente artigo, procura-se demonstrar que as emoções não devem ser encaradas como meros auxiliares da argumentação, mas como constituintes de pleno direito. De facto, não raras vezes elas legitimam posições, conferem validade a tomadas de decisão, reforçam comandos ou condicionam ações. Para tal, a fonte da emoção é frequentemente referida, o que também reforça o seu potencial persuasivo. Não raras vezes, as emoções surgem em paralelo com argumentos (por exemplo, *ad consequentiam* ou *ad exemplum*).

No corpus foi possível observar que as emoções são maioritariamente hétero-atribuídas, contribuindo para a pertença do Locutor ao grupo. Trata-se de uma estratégia importante para a criação de empatia com o alocutário, que assim vê no agente político um par.

Outro dado relevante refere-se ao uso de muitos termos indiretos de emoção e à recriação de muitas cenas indutoras usadas para colocar o alocutário num estado de espírito que seja mais favorável à consecução dos objetivos do Locutor.

Posto isto, considera-se que as emoções não são coadjuvantes da argumentação; pelo contrário, elas funcionam como argumentos.

## Referências bibliográficas

- Amossy, R. (2021). *L'argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin.
- Aristóteles. (2005). *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Charaudeau, P. (2016). *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto .
- Charteris-Black, J. (2004). *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*. Londres: Palgrave Macmillan.
- Cícero, M. T. (1895). *De oratore: libri tres*. London: Oxford University Press.
- Cigada, S. (2008). *Les émotions dans le discours de la construction européenne*. Milão: Università Cattolica del Sacro Cuore.
- D'Iribarne, P. (2008). *Penser la diversité du monde*. Paris: Éditions du Seuil.
- Galati, D., & Sini, B. (2000). Les structures sémantiques du lexique français des émotions. Em C. Plantin, M. Doury, & V. Traverso, *Les émotions dans les interactions* (pp. 75-87). Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2000). Quelle place pour les émotions dans la linguistique du XX<sup>e</sup> siècle? Remarques et aperçus. Em C. Plantin, M. Doury, & V. Traverso, *Les émotions dans les interactions* (pp. 33-74). Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Maingueneau, D. (2005). Ethos, cenografia, incorporação. Em R. Amossy, *Imagens de si no discurso* (pp. 69-91). São Paulo: Contexto.
- Mathieu, Y. (2006). A Computational Semantic Lexicon of French Verbs of Emotion. Em J. Q. Shanahan, *Computing Attitude and Affect in Text: Theory and Applications. The Information Retrieval Series, vol 20*. (pp. 109-124. [https://doi.org/10.1007/1-4020-4102-0\\_10](https://doi.org/10.1007/1-4020-4102-0_10)). Dordrecht: Springer.
- Meyer, M. (2007). *Questões de Retórica – Linguagem, Razão e Sedução*. Edições 70: Lisboa.
- Micheli, R. (2010). Emotions as Objects of Argumentative Constructions. *Argumentation*, 24, pp. 1-17. doi:10.1007/s10503-008-9120-0.
- Micheli, R. (2014). *Les émotions dans les discours, modèle d'analyse, perspectives empiriques*. Paris: De Boeck Supérieur.
- Micheli, R., Hekmat, I., & Rabatel, A. (2013). Esquisse d'une typologie des différents modes de sémiotisation verbale de l'émotion. *Semen*, 35, p. <https://doi.org/10.4000/sem.9790>.
- Perelman, C., & Olbretchts-Tyteca, L. (2005). *Tratado da Argumentação. A Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes.

- Pita, S. (2023). Plano de texto de "mensagens de natal" na cena política luso-brasileira. *D.E.L.T.A.*, 39-2, pp. 1-28. <https://doi.org/10.1590/1678-460X202339253754>.
- Plantin, C. (2000). *Se mettre en colère en justifiant sa colère*. Presses Universitaires de Lyon: Lyon.
- Plantin, C. (2004). On the inseparability of emotion and reason in argumentation. Em E. Weigand, *Emotion in Dialogic Interaction* (p. 269-280). <https://doi.org/10.1075/cilt.248>. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Plantin, C. (2011). *Les bonnes raisons des émotions. Principes et méthode pour l'étude du langage émotionné*. Berne: Peter Lang.
- Plantin, C. (2020). Une méthode d'approche de l'émotion dans le discours et les interactions. *SHS Web of Conferences. ICODOC 2019 : Émotion, empathie, affectivité. Les sujets et leur subjectivité à travers les pratiques langagières et éducatives, 81*, 1-15. <https://doi.org/10.1051/shsconf/20208101001>.
- Plantin, C., Doury, M., & Traverso, V. (2000). *Les émotions dans les interactions*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Reboul, O. (2004). *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Governo da República Portuguesa. (2019). Intervenções do Primeiro-Ministro. <https://www.portugal.gov.pt/pt/>
- Presidência da República. (2024). Intervenções do Presidente da República. <https://www.presidencia.pt/>

## Resumo

A emoção, como forma de argumentação, sempre foi um elemento constitutivo dos discursos, surgindo já na Retórica de Aristóteles. Sejam as emoções reais (comunicação emocional) ou tenham fins discursivos (comunicação emotiva) (Plantin, 2000), o Locutor convoca-as para o seu discurso, usando diferentes modos de semiotização. O recurso às emoções é uma forma de agir sobre o alocutário, persuadindo-o em favor de uma determinada ideia ou captando a sua pietas. Trata-se, portanto, de uma técnica discursiva com potencial para alterar a disposição do auditório, convergindo para o aumento da eficácia de um argumento. No plano verbal, as emoções podem ser expressas, explícita ou implicitamente, ou construídas (“visée”, na terminologia de (Kerbrat-Orecchioni, 2000), recorrendo-se a termos de emoção ou outros termos descritivos, que convencionalmente são/estão associados a uma emoção. Além destes, são frequentemente utilizadas figuras retóricas, como a metáfora ou a hipérbole, que potenciam uma cena indutora de um estado de espírito que favorece a persuasão (Micheli, 2010). Embora sejam vistas, por vezes, como formas ornamentais, constituem ferramentas argumentativas, já que permitem apresentar um raciocínio de forma contundente (Reboul, 2004). A partir de um *corpus* de intervenções políticas proferidas por altos representantes do Estado, analisar-se-á o material verbal, em particular as “palavras de emoção” e as figuras retóricas que contribuem para a patemização do sofrimento e da (in)justiça. Procurar-se-á demonstrar que estes elementos integram movimentos argumentativos em favor de um raciocínio e alinhados com o propósito do produtor do texto de fazer com que o outro concorde, em absoluto, com o seu ponto de vista (Charaudeau, 2016).

## Abstract

Emotion, as a form of argumentation, has always been a constitutive element of speeches, appearing already in Aristotle's Rhetoric. Whether the emotions are real (emotional communication) or have discursive purposes (emotive communication) (Plantin, 2000), the Speaker summons them into his speech, using different modes of semiotization. The use of emotions is a way of acting on the addressee, persuading him in favor of a certain idea or capturing his pietas. It is, therefore, a discursive technique with the potential to change the disposition of the audience, converging to increase the effectiveness of an argument. At the verbal level, emotions can be expressed, explicitly or implicitly, or constructed (“visée”, in the terminology

of Kerbrat-Orechhioni, 2000), resorting to emotion terms or other descriptive terms, which are conventionally associated with an emotion. In addition to these, rhetorical figures are often used, such as metaphor or hyperbole, which enhance a scene that induces a state of mind that favors persuasion (Micheli, 2010). Although they are sometimes seen as an ornamental form, they constitute argumentative tools, as they allow to present reasoning in a forceful way (Reboul, 2004). Based on a corpus of political interventions made by senior State representatives, the verbal material will be analysed, in particular the “words of emotion” and the rhetorical figures that contribute to the pathos of suffering and (in)justice. We will try to demonstrate that these elements integrate argumentative movements in favor of reasoning and aligned with the purpose of the text producer to make the other agree, absolutely, with his point of view (Charaudeau, 2016).